



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

ONDE OS ALGOZES NÃO TÊM VOZ: O DISCURSO URBANO E FEMINISTA NEGRO DO RAP NA CIDADE DO RECIFE

SÁVIO SILVA DE ALMEIDA¹

CRISTINA PEREIRA DE ARAÚJO²

Resumo: O tema é a relação entre o rap produzido pelas mulheres negras e o enfrentamento das expressões do racismo e do patriarcado na cidade do Recife, no início do século XXI. O objetivo do artigo é analisar como o rap (ritmo e poesia), na segunda década do século XXI, constitui-se como um discurso urbano que demarca posições políticas de enfrentamento ao racismo, ao machismo e à exploração do trabalho (e dos corpos) das pessoas negras sob o capitalismo, na cidade do Recife. Para tanto, foi realizada extensa revisão bibliográfica acerca do tema proposto, bem como dados sobre a desigualdade na cidade do Recife. Foram utilizadas 3 poesias escritas por rappers negras, “O fardo de uma Preta”, da rapper Adelaide Santos, a introdução do rap “Parem de nos matar”, da rapper Margot Mc, e “Preta, favelada”, de Bione. Conclui-se que, através do movimento Hip Hop, mulheres negras têm contribuído para o enfrentamento à exploração do trabalho, ao racismo e ao patriarcado.

Palavras-chave: Racismo; Patriarcado; Rap; Feminismo Negro.

INTRODUÇÃO

A relação capital-trabalho é a relação constitutiva da “questão social”, sob o modo de produção capitalista (SANTOS, 2012). Uma das expressões da “questão social” é a negação do direito à cidade a grande parcela da população urbana (HARVEY, 2013), que afeta de forma violenta a população negra (em especial as mulheres negras). Gonzales (1984) aponta uma “divisão racial do espaço”. De acordo com Gonzales (1984, p. 231):

[...] é justamente aquela negra anônima, habitante da periferia, nas baixadas da vida, quem sofre mais tragicamente os efeitos da terrível culpabilidade branca. Exatamente porque é ela que sobrevive na base da prestação de serviços, segurando a barra familiar praticamente sozinha. Isto porque seu homem, seus irmãos ou seus filhos são objeto de perseguição policial sistemática (esquadrões da morte, mãos brancas estão aí matando

¹Vínculo institucional: graduando em Serviço Social/UNICAP. Doutorando em Desenvolvimento Urbano/MDU-UFPE. E-mail: savio_eco@hotmail.com

²Vínculo institucional: Orientadora e Professora do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano/MDU-UFPE. E-mail: crisaraujo.edu@gmail.com



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

negros à vontade; observe-se que são negros jovens, com menos de trinta anos. Por outro lado, que se veja quem é a maioria da população carcerária deste país).

Contribui para o quadro de precarização das condições de vida nas cidades, o fato de que a atual crise de acumulação capitalista tem tido como resposta o aprofundamento de um modelo de acumulação neoliberal, que foi e é responsável pelo atual momento de retração do crescimento econômico das nações. Tal processo tem promovido uma redução sem precedentes dos direitos sociais (trabalho, moradia, educação, saúde, previdência) (HARVEY, 2016). Nessa fase, marcada pela financeirização/privatização dos direitos sociais, a terra urbana (inclusive, as das periferias e favelas) tem se tornado objeto de especulação do capital financeiro (ROLNIK, 2015), ameaçando ainda mais os direitos de mulheres e homens negros e da classe trabalhadora (em geral), que não tem acesso ao direito à cidade.

A expansão do sistema de justiça criminal e a emergência de um complexo industrial-prisional é acompanhada por uma campanha que persuade, novamente, no final do século XX que a raça é uma categoria demarcadora da criminalidade. De acordo com essa propaganda, a figura que representaria o criminoso é um jovem Negro e os jovens Negros provocariam medo. A mensagem que é propagada pelos políticos e por incontáveis séries de crimes na TV é que não é necessário temer o desemprego, a deterioração das condições nas comunidades pobres e o déficit habitacional; eles sugerem que não é necessário temer nem a degradação ambiental, provocada pelas operações militares e pelas empresas, nem a guerra, mas que é necessário temer o crime e aqueles que são representados como os seus mais frequentes executores. A racialização do medo constrói os inimigos públicos (DAVIS, 2012).

Diante desse quadro, o Movimento Negro, em suas diversas expressões, tem se posicionado de forma crítica perante o capital, o racismo e o patriarcado. Por sua vez, a poesia presente no Movimento HIP HOP expressa as lutas e as resistências da população Negra. Assim, o presente trabalho tem como objetivo analisar como o rap (ritmo e poesia), na segunda década do século XXI, constitui-se como um discurso urbano que demarca posições políticas de enfrentamento ao racismo, ao machismo e à



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

exploração do trabalho (e dos corpos) das pessoas negras sob o capitalismo, na cidade do Recife.

O trabalho foi construído a partir de revisão bibliográfica acerca do tema proposto, bem como coleta de dados sobre a desigualdade na cidade do Recife. E três poesias de rappers negras, que atuam na cidade do Recife, contribuem para o desenvolvimento do trabalho.

1. ANÁLISE DE DISCURSO

A Análise de Discurso não trata da língua/gramática. A palavra discurso, tem em si, etimologicamente, a ideia de percurso, de curso, de movimento. O discurso é palavra em movimento: através do seu estudo, está em observação o homem falando. A análise de discurso busca o sentido real em sua materialidade histórica e linguística (ORLANDI, 2015).

O ser humano produz o texto, em um estilo. O texto ganhará sentido quando entrar na corrente dos usos e interações dos discursos na sociedade. O texto é confeccionado por uma inteligência; tem um autor, mas só aparece quando enunciado, tornando-se discurso. Quando entra numa corrente histórica, entra no rio de significados junto com outros discursos, fazendo sentido na medida em que está em diálogo e relação com outros discursos (FIGARO, 2015).

1.1. O discurso na poesia das mulheres negras para além do silenciamento

Kilomba (2019) aponta que os senhores brancos obrigavam africanas/os escravizadas/os a usar uma máscara para evitar que comessem cacau ou cana-de-açúcar enquanto trabalhavam nas plantações, mas, na realidade, a sua principal função era implementar um senso de medo e de mudez, já que a boca era um lugar de tortura e de silenciamento. Pois,

A boca é um órgão muito especial. Ela simboliza a fala e a enunciação. No âmbito do racismo, a boca se torna o órgão da opressão por excelência, representando o que as/os brancas/os querem – e precisam – controlar e, conseqüentemente o órgão que, historicamente, tem sido severamente censurado (KILOMBA, 2019, p. 34).



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

Quando o modo europeu de viver é visto apenas como um problema a ser solucionado, as mulheres negras confiam apenas nas próprias ideias para se libertarem, pois são apenas as ideias o que os pais brancos as disseram para valorizar. Mas quando elas se aproximam de um contato mais íntimo com a sua própria ancestralidade, que tem a consciência não-europeia de vida como uma situação a interagir e a experimentar, elas aprendem a valorizar mais e mais os seus sentimentos, e a respeitar as suas fontes escondidas de poder, de onde emerge o conhecimento verdadeiro e a ação duradoura (LORDE, 2007).

As mulheres carregam dentro de si a possibilidade para fundir essas duas perspectivas tão necessárias para a sobrevivência, e se tornam mais próximas dessa combinação na sua poesia. Aqui, poesia significa uma revelação da experiência, não o jogo de palavras estéril que, frequentemente, os pais brancos utilizam e distorcem nomeando de poesia – no sentido de cobrir um desejo desesperado por imaginação sem experiência/*insight* (LORDE, 2007).

Para as mulheres a poesia não é um luxo. É uma necessidade vital da sua existência. Ela forma a qualidade da luz dentro da qual elas qualificam seus sonhos e esperanças na direção da mudança e da sobrevivência, feita primeiro linguagem, depois ideia e, então, tornada a ação mais tangível. A poesia é a forma que as ajuda a dar nome ao inominável até que ele possa ser pensado. Os horizontes mais distantes de seus medos e esperanças são pavimentados por seus poemas, esculpidos da dureza das experiências de suas vidas diárias (LORDE, 2007). Assim,

Os pais brancos nos dizem: eu penso, logo eu sou. A mãe negra dentro de cada uma de nós – a poeta – sussurra em nossos sonhos: eu sinto, logo eu posso ser livre. A poesia constrói a linguagem para expressar e mapear esta demanda revolucionária, a implementação dessa liberdade (LORDE, 2007, p. 38).

2. DA JAMAICA AO BRASIL: A GÊNESE DE UM DISCURSO URBANO ANTIRRACISTA



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

As rotas históricas da formação do Hip Hop, e em especial as do rap, têm sido associadas a práticas culturais da África tradicional – recriadas atualmente –, nas quais o papel central é assumido pela linguagem oral (SOUZA, 2011). Conforme Camargos (2015, p. 33), “[...] alguns autores que se dedicaram ao estudo [...] do rap, revelam uma história ligada à dos *griots*, os sujeitos responsáveis pela difusão de narrativas orais pelas quais propagam e perpetuam as histórias e tradições de grupos de pessoas de regiões específicas da África” (CAMARGOS, 2015, p. 33). Nesse sentido,

Em ocasiões especiais, os *griots* (homens) ou as *griottes* (mulheres), cronistas, oralizavam publicamente memórias, histórias de costumes e feitos das sociedades, responsabilizando-se pela difusão dos ensinamentos por meio da palavra, tida como fonte da cultura e de saber. Mestres da arte de narrar, eles e elas são educadores, contadores de histórias, artistas, poetas e musicistas, cujo papel na comunidade é recriar e fazer circular no cotidiano os costumes e as memórias ancestrais (SOUZA, 2011, p. 61).

A cidade possui seu corpo significativo e tem nele as suas formas. A poesia urbana, os grafites, pichações, o rap, são formas do discurso urbano. É a cidade produzindo sentidos, que funcionam como flagrantos de um olhar (um corpo) em movimento. São formas de significar com sua poética, incluídas na própria forma material da cidade (ORLANDI, 2004).

2.1. Rap da Jamaica aos Estados Unidos

A partir dos anos 20/30 do século XX, na Jamaica, ao mesmo tempo em que emerge o novo homem urbano – trabalhador “bauxite”, operário fabril, trabalhador dos portos – emergem os novos talentos musicais que transitam pelo fenômeno dos *rude boys* – rapazes com idade entre 14 e 30 anos que migravam para a capital, sem prática de trabalho especializado de qualquer natureza e que, tendo que lidar com um nível de desemprego de 35%, passavam à vida de rua, com suas navalhas mortais, muito rum, ganja e insolência. A criação de canções que abordavam o próprio cotidiano era uma das únicas opções para esses jovens, que tinham uma vida de muito risco e, de forma geral, muito curta, no trânsito entre a violência e a miséria. Para um *rude*, a única maneira de se ver livre dos bairros de lata de West Kingston era um tiro da polícia ou um single



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

(disco pequeno, representativo da obra do artista, contendo apenas duas ou uma música) (LINDOLFO FILHO, 2004).

O ambiente urbano possibilitou aos *rude boys* que fizessem surgir um estilo de vida no qual o uso da linguagem visava falar das experiências cotidianas e marcar posições de contestação contra o que a sociedade buscava impor para eles: “negros”, “ignorantes”, sem especialização profissional e vindos do interior. Uma de suas marcas era discorrer sobre questões que os afligiam, através das músicas improvisadas em orientações, sermões, palavras capazes de fazer acreditar em possibilidades de superação e enfrentamento dos problemas. As festas começaram a ser frequentes, acontecendo nos bairros mais pobres e afastados (SOUZA, 2011). Para Souza (2011, p. 60):

Concomitantemente, na década de 1960, a Jamaica, vivendo uma série de problemas sociais e políticos, também foi palco do surgimento e do desenvolvimento de grupos ativistas negros em favor dos direitos e da justiça social que, juntamente com os princípios do movimento rastafári, também defendiam, entre outras reivindicações, a emancipação da população negra.

No movimento reggae jamaicano, aos sons dos toca-discos, os animadores das festas acrescentavam recriações de linhas rítmicas e um discurso espontâneo, o talk over (falar por cima). O que era apenas um estímulo para a festa, feito de forma improvisada, começou a ganhar contornos políticos e poéticos. A migração do DJ Kool Herc da Jamaica para os Estados Unidos foi o acontecimento definitivo para o estabelecimento do rap, levando consigo a técnica dos *sounds-systems* jamaicanos (LINDOLFO FILHO, 2004). Assim,

Em 1970, essas técnicas começaram a se aperfeiçoar nos EUA através das block parties, festas que tinham lugar nos guetos de Nova York, embaladas pelos sound-systems e pares de pick ups (dois toca-discos conjugados, dois amplificadores e microfone), juntando poesia e ritmo, oportunamente expressando a própria criatividade. Essa prática de ritmo e poesia foi gradativamente se tornando cada vez mais usual (LINDOLFO FILHO, 2004, p. 137).

Nova York é a principal fonte de referência para compreender como o Hip Hop se tornou conhecido no mundo, adquirindo contornos diversos. Foi lá que os Negros se organizaram para mudar leis segregacionistas, no período que vai do final dos anos 1960 e início de 1970, período marcado pela intensificação das lutas por direitos civis, em meio



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

a boicotes, comícios, protestos e enfrentamentos físicos. As manifestações explícitas de discriminação e preconceito racial e o forte racismo alimentaram a pauta de reivindicações pela formulação de políticas públicas capazes de responder às necessidades da população Negra estadunidense: melhores condições de trabalho; acesso aos bens, equipamentos e serviços públicos; alterações de leis desfavoráveis; entre outras (SOUZA, 2011). Conforme Souza (2011, p. 63):

No que se refere à economia, a sociedade norte-americana viveu forte crise, na qual se sobressaíram o processo de desindustrialização e a elevação do desemprego. Além disso, ocorreram alterações no papel do Estado que se refletiram, por exemplo, no enfraquecimento dos programas assistenciais ou de transferência de renda. Nessa época, os norte-americanos também estavam às voltas com a guerra do Vietnã, o que colaborava com o quadro dramático, mais ainda para parte da população – negros ou hispânicos em sua maioria – enviada aos campos de combate e sofrendo com as sequelas de mutilação, morte e debilitação física e psicológica.

Naquele momento de crise política e social – e avanço tecnológico –, jovens residentes nos bairros pobres de Nova York se apropriaram de elementos da indústria cultural, de objetos descartados como obsoletos e criaram uma prática cultural nova (CAMARGOS, 2015).

2.2. História do Rap no Brasil

Criar arte e cultura significa elaborar formas novas de significação, de comunicação e de interpretação do mundo. Essa criação se faz a partir das experiências concretas das pessoas no seu cotidiano. No que diz respeito ao Hip Hop, o lugar em que moram os integrantes do movimento é a fonte que alimenta a sua criação artística e cultural, são as “comunidades” onde estão os seus amigos e que frequentam, é a cidade contraditória e desigual em que vivem. O manancial cultural e artístico é alimentado pelas experiências do cotidiano: a vizinhança, o lugar de moradia, o futebol no fim de semana, o encontro com os amigos. Que lugar é esse? No Brasil, são as periferias, as favelas e os conjuntos habitacionais. Tanto os sonhos, as amizades, as alegrias e os desejos que habitam esses lugares, como também o tráfico de drogas, a pobreza, a violência policial e a miséria são matérias-primas para a produção artística do Hip Hop. É impossível que esse movimento não seja político, sendo apenas artístico-cultural. No Hip Hop, o



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

questionamento político é explícito e consciente e a arte é o veículo do inconformismo (SOUZA; RODRIGUES, 2004).

O rap tem a sua produção assentada no período em que o Brasil sofreu transformações acentuadas, a partir dos anos 90, que culminaram na consolidação das práticas e das ideias de cunho neoliberal. Globalização, reestruturação produtiva e neoliberalismo são fenômenos contemporâneos aos rappers e se vinculam à crise por que passam os modelos socioeconômicos baseados no mercado e que colocaram a corda em volta do pescoço de amplos setores sociais, e estes, que não gozavam de condições de vida desejáveis, foram afetados duramente com as transformações a eles impostas (CAMARGOS, 2015).

Desde o final dos anos 1980, o rap retrata temas que remetem ao passado da população Negra, da escravidão até os problemas atuais; resgata datas históricas, movimentos de direitos civis, personalidades, artistas e heróis, como o movimento *Black Power*, *Black Panthers*, Steve Biko, Zumbi, Benedita da Silva, Zezé Mota, Nelson Mandela, Martin Luther King Jr., Malcolm X, entre outros; valoriza as religiões de matriz africana (TELLA, 1999).

3. DISCURSO URBANO ANTIRRACISTA DAS MULHERES NEGRAS NO RAP

Cada grupo compartilha conhecimentos parciais e localizados e fala a partir de seu próprio ponto de vista. Entretanto, ao reconhecer a parcialidade da sua verdade, seu conhecimento é inacabado. Desta maneira, cada grupo se torna mais capaz de levar em consideração o ponto de vista dos demais, sem abrir mão do que torna seus pontos de vista únicos nem suprimir as perspectivas parciais de outros grupos. Portanto, é a parcialidade, e não a universalidade, a condição necessária para se fazer ouvir. Grupos e indivíduos que fazem reivindicações de conhecimento sem reconhecer a posição que ocupam são considerados menos confiáveis (COLLINS, 2009).

3.1. Lugar de fala



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

A raça cria identidades grupais imutáveis. Os indivíduos não podem simplesmente optar por se situarem dentro ou fora dos grupos raciais, porque a raça é construída atribuindo classificações raciais aos corpos. De uma forma similar, o gênero marca o corpo. Dentro de uma estrutura fornecida pela identidade grupal historicamente constituída, os indivíduos performam e assumem as suas classificações de diferentes maneiras. Dentro de relações de poder injustas, os grupos sociais possuem poderes desiguais de autodeterminação e auto definição. Gênero, raça, classe, e outros marcadores de poder se interseccionam para produzir instituições que, por sua vez, constroem grupos sociais que se tornam definidos por essas características. Uma vez que alguns grupos regulam e definem outros, os grupos são hierarquicamente relacionados aos outros. Dentro dessa estrutura hierarquicamente abrangente, são importantes as formas segundo as quais os indivíduos se percebem como membros de grupos nas relações de poder baseadas em grupos (COLLINS, 1998).

Na sociedade brasileira, de herança escravocrata, pessoas negras experienciam o racismo do lugar de quem é objeto dessa opressão, do lugar de quem tem oportunidades restritas devido a esse sistema. Pessoas brancas o experienciam do lugar de quem é beneficiado por essa mesma opressão. Portanto, ambos os grupos podem e devem discutir essas questões, mas o farão de lugares distintos. O que as mulheres negras estão indicando é que querem e reivindicam que a história sobre a escravidão no Brasil seja contada também através de suas perspectivas e não apenas pela perspectiva de quem venceu. Os saberes que indivíduos de grupos discriminados produzem, para além de serem importantes discursos, são lugares de potência e configuração do mundo por outras geografias e outros olhares (RIBEIRO, 2017). Assim,

Pensar lugar de fala seria romper com o silêncio instituído para quem foi subalternizado, um movimento no sentido de romper com a hierarquia [...]
Há pessoas que dizem que o importante é a causa, ou uma possível “voz de ninguém” como se não fôssemos corporificados, marcados e deslegitimados pela norma colonizadora. Mas, comumente, só fala na voz de ninguém quem sempre teve voz e nunca precisou reivindicar sua humanidade (RIBEIRO, 2017, p. 90).

Kilomba (2019) demanda uma epistemologia que inclua o subjetivo e o pessoal como parte do discurso acadêmico, pois todas/os falam de um lugar e tempo específicos, de uma realidade e uma história específicas – não há discursos neutros. Quando



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

acadêmicas/os brancos/as afirmam ter um discurso objetivo e neutro, não estão reconhecendo o fato de que elas e eles também escrevem de um lugar específico que não é objetivo nem neutro ou universal, mas dominante, um lugar de poder. A subjetividade e as emoções fazem parte do discurso teórico, pois a teoria é sempre escrita por alguém e está em algum lugar. As/os intelectuais negras/os se nomeiam, bem como seus locais de escrita e de fala, criando um discurso portador de uma nova linguagem.

Eu, como mulher *negra*, escrevo com palavras que descrevem minha realidade, não com palavras que descrevam a realidade de um erudito *branco*, pois escrevemos de lugares diferentes. Escrevo da periferia, não do centro. Este também é o lugar de onde eu estou teorizando, pois coloco meu discurso dentro da minha própria realidade. O discurso das/os intelectuais *negras/os* surge, então, frequentemente como um discurso lírico e teórico que transgride a linguagem do academicismo clássico. Um discurso que é tão político quanto pessoal e poético, como os escritos de Frantz Fanon ou os de bell hooks (KILOMBA, 2019, p. 59).

3.2. Rappers negras e o discurso urbano

Para Gramsci (2011, p. 199, *tradução nossa*) “Todo grupo social [...] cria junto consigo mesmo, organicamente, uma categoria ou várias categorias de intelectuais que lhe dão homogeneidade e uma consciência de sua própria função [...]”. Os acadêmicos são os intelectuais treinados para representar os interesses dos grupos no poder, enquanto os intelectuais “orgânicos” dependem do senso comum e representam o interesse de seus próprios grupos. As intelectuais Negras não são nem todas acadêmicas nem primariamente encontradas na classe média Negra. Nem todas as intelectuais Negras trabalham na academia e nem todas as mulheres Negras com alto nível educacional são automaticamente intelectuais. Fazer um trabalho intelectual dentro do feminismo Negro requer um processo de luta por autoconsciência, independentemente da localização social atual onde este trabalho ocorre (COLLINS, 2009).

O desenvolvimento do pensamento feminista Negro como teoria social crítica envolve a inclusão das ideias das mulheres Negras que não eram consideradas previamente como



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

intelectuais – muitas das quais são mulheres da classe trabalhadora com empregos fora da academia – tão bem quanto aquelas ideias que emergem de espaços mais formais, acadêmicos. Cantoras, musicistas, escritoras, poetas e outras artistas constituem outros grupos dos quais as intelectuais Negras têm emergido. Porém, a produção do trabalho intelectual não é atribuída geralmente às ativistas políticas e artistas Negras; especialmente, em instituições acadêmicas, elas são vistas tipicamente como “objeto de estudo”, uma classificação que cria uma dicotomia falsa entre ativismo e academia, entre fazer e pensar (COLLINS, 2009).

A cultura Hip Hop atinge mais mulheres que o número relativamente baixo atingido pelas universidades. A cultura Hip Hop é em si mesma uma resposta dos jovens Negros aos quais tem sido negado o acesso equitativo à educação, atividades recreativas, aulas de música e moradia adequada. A música rap é um fenômeno que transcende o provincialismo da academia e que influencia as vizinhanças onde aparece (COLLINS, 2006). Assim,

Rappers trazem temas e preocupações, através de suas letras, para o âmbito público que de outra forma não seriam ouvidos.

[...] O show, o espetáculo, é o primeiro passo em direção à mudança – o primeiro momento para ser ouvido. Para um grupo historicamente invisível e marginalizado, o espetáculo é o que permite a entrada num espaço público que provou ser violento e excludente. [...] Os Negros criaram um espetáculo que os permitiu serem vistos como cidadãos respeitáveis (POUGH, 2004, p. 29, tradução nossa).

As Mulheres Negras que atuam na cultura Hip Hop têm desenvolvido habilidades de sobrevivência e formulado várias formas de destruir os estereótipos e a marginalização que inibem a sua interação na esfera pública. Através da cultura Hip Hop, uma geração de Mulheres Negras está tendo voz e destruindo preconceitos. Essas Mulheres (Rappers, Escritoras, Grafiteiras, B-girls, D-jays, etc.) estão atacando os estereótipos e equívocos que influenciaram as suas vidas e as vidas das suas ancestrais. Elas estão mantendo uma presença pública que contraria as representações negativas da feminilidade Negra (POUGH, 2004).

4. A CIDADE ATRAVÉS DO DISCURSO ANTIRRACISTA DE RAPPERS NEGRAS



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

Os esforços dos trabalhadores subalternizados da cidade para construir abrigos para si e suas famílias nunca foram reconhecidos da forma devida pela sociedade e pelo Estado. Suas obras territorializadas sempre foram tratadas e interpretadas como informais, subnormais, irregulares, ilegais, clandestinas e precárias; uma vez que foram constituídas sem o crivo do controle governamental, enfrentando a lógica dominante do mercado e, acima de tudo, pela origem racial e social de seus habitantes (BARBOSA, 2017). Assim,

A composição social dominada pela presença de pardos e pretos (portanto, negros) em favelas responde pelas formas de não reconhecimento pleno de sua cidadania urbana e efetividade de direitos fundamentais. Então, nossas metrópoles e cidades se tornaram não somente *máquinas* de reprodução de desigualdades sociais, mas, acima de tudo, *liquidificadoras* de direitos sociais territorialmente situados (BARBOSA, 2017, p. 181).

4.1. A área de mais baixa renda da Região Metropolitana do Recife e a negação da cidadania urbana

Os municípios de Recife, Olinda e Jaboatão dos Guararapes se apresentam ocupados por uma população de 2.126.742 habitantes, dentre os quais 1.114.593 são pessoas pobres. Da população pobre, 719.385 pessoas ocupam 535 áreas – assentamentos - de pobreza, concentradas nos municípios de Recife, Olinda e Jaboatão dos Guararapes. Esses assentamentos se caracterizam por uma ocupação intensiva de áreas de risco e insalubres, vazios urbanos e periferias, situadas em baixios e morros, sujeitos a alagamentos, deslizamentos e desmoronamentos (FIDEM, 2000).

As nove capitais nordestinas estão entre as quatorze capitais estaduais brasileiras com maior desigualdade de renda. Recife está entre as quatro capitais nordestinas que representam as de maior iniquidade do país. Em 2000, segundo o Atlas de Desenvolvimento Humano no Brasil, produzido pelo PNUD, IPEA e FJP no ano de 2008, Recife e Maceió compartilhavam a maior desigualdade na distribuição de renda, entre as capitais brasileiras, uma vez que ambas as capitais possuíam um índice de Gini de 0,68. No Recife, os 10% mais ricos da população apropriavam-se de 55,07% da renda



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

total. Já os 20% mais pobres, no Recife, apropriavam-se de apenas 1,43% da renda total (RECIFE *et al.*, 2005).

Em Recife, tal como no Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador, Porto Alegre, Belo Horizonte e Fortaleza, os assentamentos populares se consolidam e crescem na paisagem urbana. De acordo com o IBGE, em 2010, a população residente em assentamentos subnormais alcançou o número de 11,4 milhões de cidadãos, quase o dobro do número observado em 2000 (6,5 milhões de pessoas). Em termos de proporção em relação à população total, os moradores de favelas passaram de 3,9% para 6,9%; um aumento de 65% em relação ao número de moradores encontrados em 2000 (BARBOSA, 2017).

4.2. Do “fardo do homem branco” ao “Fardo de uma Preta”: o discurso antirracista e feminista Negro da rapper Adelaide

Os últimos quinhentos anos revelam que o homem colonizador e sua sociedade assumiram para si uma posição de superioridade e responsabilidade pelo futuro de outros povos e culturas. O fardo do homem branco deriva da assunção de superioridade. Da ideia do fardo do homem branco deriva a realidade de fardos impostos pelo homem branco à natureza, às mulheres, aos negros e a outros (SHIVA, 1993).

A partir do lugar de fala de mulher negra e periférica, a rapper, poetisa e atriz negra, Adelaide questiona, em sua poesia “O fardo de uma Preta”, a democracia racial no Brasil, além de denunciar a supremacia branca, patriarcal e capitalista:

Tu já parasse para pensar, Nego, no fardo de uma Preta, no Brasil? Você só viu em novela, mas a dor nunca sentiu. Você só assistiu Xica da Silva e acha que já entendeu. Você não viveu a metade do que a Preta velha lá de casa já viveu. Cê não viveu a ditadura. Cê não viveu a vida dura. Cê nunca foi obrigado a transar com o branco, lá da casa grande. Seu filho assistindo a tudo, com ódio gigante. Cê nunca teve que servir aos que cuspiam na tua cara. Limpando o chão desses cuzão e eles dando gargalhada. Cê nunca foi motivo de piada. Ser estuprada na porta de casa. Crescer com ódio no peito e



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

o Governo nada. Eles têm lábia demais, com esses olhos verdes. Chegam de carro, bolso gordo: “encosta na parede”. Eles acham que porque é Preta vai ser muito fácil. Abrir o bolso e transar com ela, num motel barato. Cê devia me respeitar, honrar minha moral. Pois, quando você quer deitar, cê chega, na moral, né? Cê beija os pé das branca, em mim você quer bater. Cê diz que se eu te trocar, tu cobra, aí eu vou morrer. Cê nunca vai crescer. Minha pele não foi feita pra satisfazer tua carne. Cê nunca vai entender como essa chicotada arde. Cê só vai entender quando os Preto tiver no topo. Quando ser Negra virar moda no sistema todo. Não queremos tolerância, queremos respeito, e que toda mulher Preta tenha seu direito. Queremos andar nas ruas, sem ser apontadas. Nós queremos ser vistas, não estupradas. Querer ser reconhecida, não é “feminismo”. Mano, eu não tenho culpa desse teu machismo. As preta quer que cês se curve, não que cês nos curvem. Elas quer que vocês assumam, não que cês aluguem. Antes de cês vir julgar, cês saibam da história: se você tá com uma Preta, era pra você dar glória. Nós é da velha escola e a gente não quer treta. Cê nunca vai entender o fardo de uma Preta. (ADELAIDE, 2019).

4.3. O discurso antipatriarcal da rapper Negra Margot Mc

A rapper negra e estudante de serviço social, Margot Mc, na poesia introdução da música “Parem de nos matar”³, relata a situação de uma mulher em situação de violência doméstica, ameaçada de morte/femicídio. E dado que as estruturas do patriarcado, racismo e exploração do trabalho impõem que a vitimização por feminicídio incida de forma desproporcional sobre as mulheres negras, a poesia de Margot representa a experiência de muitas mulheres negras.

Eu nem cheguei em casa e o telefone já toca: “Raiane, vai para casa de alguém e se ‘entoca’. Ele já tá bêbado e trancou as portas. Disse que se tu entrar aqui, ‘só sai morta’”. Era quinta-feira, tinha que estudar para a prova. Ainda bem que nessa disciplina sempre tirou boas notas. Ao contrário dele, que abandonou a escola para virar pinguço e bater em mulher nova. Não só nova, que as veia lá de casa também sofre. Descanso, só, depois de três dias, quando ele dorme. Sábado e domingo são os dias que ele dá mais

³ Essa poesia de Margot MC ainda não foi publicada e foi cedida por ela através de uma conversa.



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

trabalho. Estourou o celular da mãe, os copos e os pratos. Eu vou pra rua é claro. Se ficar em casa, viro bagaço. E, na rua, penso: “caralho, o clima lá em casa deve tá pesado”. Penso na minha coroa e nas suas pernas cheias de varizes. E se ela pegasse as coisas e fugisse? Iriam a julgar, né, mano? Porque, por ser da família, vocês tão sempre passando pano. Penso na minha avó. A bicha é forte e de bom juízo. E sempre me pergunto: “O que ela fez pra merecer isso?” Agora, tô chegando em casa, e eu nem sei se vou conseguir entrar. Tô com três bolsas pesadas, fome e um sovaco suado. Na rua, vou ficar e nem vou estudar. Como que estuda com o psicológico abalado? (MARGOT MC).

4.4. O discurso feminista negro sobre a favela da rapper Negra Bione

Em “Preta, favelada”, Bione mostra a força das mulheres Negras no movimento Hip Hop e em todos os espaços que elas ocupem e venham a ocupar. Com base num discurso antirracista, antipatriarcal e que supera a “máscara” colonial, Bione afirma: “Agora, é do nosso jeito”.

Sou Preta, favelada, e vou calando a boca de quem quer me ver calada. Não me calo, porque meu povo fez isso por muito tempo. Agora, eu tô forte demais pra lutar, em qualquer momento. Produzindo, dizendo versos, que ajudam no meu crescimento. E antes de pedir licença, eu peço discernimento, para que saibam: que nem toda resposta diferente está errada, que ninguém para no caminho porque a barra está pesada. Eu sou Preta, favelada, e vou calando a boca de quem quer me ver calada. E já tentaram me calar, quando disseram na batalha que eu não sabia rimar. Mandaram eu lavar pratos e a casa arrumar. Eu não fui pior que nenhum e mostrei pra cada um onde era o meu lugar. E a partir dali, quem disse que eu ia parar? Ainda tou na caminhada. Eu sou Preta, favelada. E vou calando a boca de quem quer me ver calada. E pra todos os efeitos, o negrinho é o suspeito, pro pai que formou o filho e pegou fila com o Preto. Daí vem o crime perfeito: colocar o prato cheio e não comer inteiro, porque já está satisfeito. E que se dane o sistema querendo Preto silenciado. E pra sua informação: vai ter mais Preto formado do que algemado, de frente pro delegado. E, como essa galera aqui, garanto que eu não tô parada. Eu sou Preta, favelada, e vou calando a boca de quem quer me



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

ver calada. E, por saber que não eu não tô sozinha, pras minas, eu agradeço. É triste, eu reconheço, ao saber que pra termos valor temos que pagar um preço. Mas vamos pagar, sem aturar macho comédia vomitando desrespeito, fazendo eles engolirem tudo. Agora, é do nosso jeito. Eles vão ter que aprender a tratar as manas direito. Porque a mulher já está cansada de tanto ser maltratada. Somos Pretas, faveladas, e vamos calar a boca de quem quer nos ver caladas (BIONE, 2019).

CONCLUSÕES

O discurso realiza um trabalho simbólico que pode se opor a definições que marginalizam, hierarquizam e deslegitimam as mulheres Negras. Desde suas origens até os dias atuais, o rap se constituiu como um discurso de resistência e enfrentamento às experiências de exploração e racismo, que violentam e destroem vidas de jovens negros.

Sendo a cidade do Recife, uma das capitais mais desiguais do Brasil, o patriarcado, o racismo e a exploração do trabalho se expressam como um verdadeiro fardo para as mulheres negras, como expresso na poesia das rappers negras Adelaide Santos, Margot Mc e Bione, que retratam em suas poesias o cotidiano das mulheres negras na Região Metropolitana do Recife. Através do movimento Hip Hop, mulheres negras têm contribuído para o enfrentamento à exploração do trabalho, ao racismo e ao patriarcado.

REFERÊNCIAS

ADELAIDE. O fardo de uma Preta. *In: #TVPEnoAR: Luna Vitrolira entrevista Adelaide e Bione.* Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-__6TI7ntfk>. Acesso em: 14/10/2019.

BARBOSA, Jorge Luiz. As favelas na reconfiguração territorial da justiça social e dos direitos à cidade. *In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; ALVES, Glória; PADUA, Rafael Faleiros de.* (Orgs.) **Justiça espacial e o direito à cidade.** São Paulo: Contexto, 2017.

BIONE. Preta, Favelada. *In: #TVPEnoAR: Luna Vitrolira entrevista Adelaide e Bione.* Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-__6TI7ntfk>. Acesso em: 14/10/2019.



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

CAMARGOS, Roberto. **Rap e política**: percepções da vida social brasileira. São Paulo: Boitempo, 2015.

COLLINS, Patricia Hill. **Fighting words**: Black women & the search for justice. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1998.

COLLINS, Patricia Hill. **From Black Power to Hip Hop**: racism, nationalism, and feminism. Philadelphia: Temple University Press, 2006.

COLLINS, Patricia Hill. **Black feminist thought**: knowledge, consciousness, and the politics of empowerment. New York: Routledge, 2009.

DAVIS, Angela Yvonne. **The meaning of freedom**. San Francisco: City Lights Books, 2012.

FIDEM- FUNDAÇÃO DE DESENVOLVIMENTO MUNICIPAL (Recife). **Programa de infra-estrutura em áreas de baixa renda da RMR**. Recife, 2000.

FIGARO, Roseli. Introdução. *In*: FIGARO, Roseli. (Org.) **Comunicação e análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2015.

GONZALES, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984, p. 223-244.

GRAMSCI, Antonio. **Prison notebooks**. New York: Columbia University Press, 2011. (Vol. II).

HARVEY, David. **Rebel cities**: from the right to the city to the urban revolution. London: Verso, 2013.

HARVEY, David. **17 Contradições e o fim do capitalismo**. São Paulo: Boitempo, 2016.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LINDOLFO FILHO, João. Hip Hopper: tribos urbanas, metrópoles e controle social. *In*: PAIS, José Machado; BLASS, Leila Maria da Silva. (Orgs.) **Tribos urbanas**: produção artística e identidades. São Paulo: Annablume, 2004.

LORDE, Audre. **Sister outsider**. Berkeley: Crossing Press, 2007.

ORLANDI, Eni P. **Cidades dos sentidos**. São Paulo: Pontes, 2004.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 12 Ed. São Paulo: Pontes Editores, 2015.



SALVADOR E SUAS CORES [2019]
RACISMO, DIÁSPORA E CIDADE EM ÁFRICA E BRASIL

POUGH, Gwendolyn D. **Check it while I wreck it:** Black womanhood, Hip-Hop culture, and the public sphere. Lebanon: University Press of New England, 2004.

RECIFE *et al.* (2005). **Capitais do Nordeste são as mais desiguais:** Região tem nove das 14 capitais com maior concentração de renda do Brasil e as quatro de maior iniquidade. Disponível em: <http://www.pnud.org.br/IDH/AtlasRecife.aspx?indiceAccordion=1&li=li_AtlasRegioesMetropolitanas>. Acesso em: 25/05/2013.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

ROLNIK, Raquel. **Guerra dos lugares:** a colonização da terra e da moradia na era das finanças. São Paulo: Boitempo, 2015.

SANTOS, Josiane Soares. **“Questão social”:** particularidades no Brasil. São Paulo: Cortez, 2012.

SHIVA, Vandana. Descolonizar o Norte. *In:* MIES, Maria; SHIVA, Vandana. **Ecofeminismo.** Lisboa: Instituto Piaget, 1993.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. **Letramentos de reexistência:** poesia, grafite, música, dança: HIP-HOP. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

SOUZA, Marcelo Lopes de Souza; Rodrigues, Glauco Bruce. **Planejamento urbano e ativismos sociais.** São Paulo: UNESP, 2004.

TELLA, Marco Aurélio Paz. Rap, memória e identidade. *In:* ANDRADE, Elaine Nunes de. (Org.) **Rap e educação, rap é educação.** São Paulo: Summus, 1999.